

O DESENVOLVIMENTO SOCIORRACIAL EM BELÉM DO PARÁ: O PAPEL DO NEGRO NA PRODUÇÃO DOS BAIROS DA SACRAMENTA E DO BARREIRO

Hugo Marlon Santos Chagas¹

*Universidade do Estado do Pará, Curso de Licenciatura em Geografia,
Belém, Pará, Brasil.*

Luiz Augusto Soares Mendes²

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Curso de Licenciatura em Pedagogia,
Belém, PA, Brasil.*

Resumo: O presente artigo analisa as implicações das relações raciais na configuração do espaço metropolitano de Belém do Pará, especificamente nos bairros periféricos da Sacramento e do Barreiro. Objetiva compreender a implicação da raça no processo de desenvolvimento social, espacial e econômico dos bairros em questão. Como percurso metodológico, realizou-se levantamento bibliográfico e documental, coleta e análise de dados secundários, trabalho de campo com aplicação de questionários e levantamento fotográfico, produção de mapas, tabelas e gráficos. Constatou-se que os aspectos raciais são marcantes no espaço urbano e nos sujeitos de Belém, colocando as pessoas negras e pardas em posições desprivilegiadas e apartadas na metrópole, no que se refere à habitação e ao trabalho. Cria-se e se reforça estigmas negativos e estereótipos sociorraciais referente às populações que residem na Sacramento e no Barreiro mesmo após os bairros terem sido reestruturados e incorporando serviços relevantes no desenvolvimento da metropolização do espaço.

Palavras-Chave: Racialidade; Urbanização; Periferia; Racismo; Economia política da cidade.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará. Professor da rede privada de educação básica das disciplinas de Geografia e Estudos Amazônicos.
E-mail: hugomarlon14@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5616-1219>.

² Professor Adjunto da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador na área de geografia urbana, planejamento urbano, Geografia dos movimentos sociais, periferização, Racialidade e Educação das relações étnico-raciais.
E-mail: luiz.mendes@ufra.edu.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5145-9415>.

PARTNER-RACE DEVELOPMENT IN BELÉM OF PARÁ: THE ROLE OF BLACK PEOPLE IN PRODUCTION IN THE NEIGHBORHOODS OF SACRAMENTA AND BARREIRO

Abstract: This article analyzes the implications of racial relations in the configuration of the metropolitan space of Belém do Pará, specifically in the peripheral neighborhoods of Sacramento and Barreiro. Aiming to understand the implication of race in the process of social, spatial and economic development of the neighborhoods in question. As a methodological path, a bibliographic and documentary survey was carried out, collection and analysis of secondary data, fieldwork with application of questionnaires and photographic survey, production of maps, tables and graphs. It was found that racial aspects are striking in the urban space and in the subjects of Belém, placing black and brown people in underprivileged and separated positions in the metropolis, in terms of housing and work. Negative stigmas and socio-racial stereotypes are created and reinforced regarding the populations residing in Sacramento and Barreiro even after the neighborhoods have been restructured and incorporated relevant services in the development of the metropolization of the space.

Keywords: Raciality; Urbanization; Periphery; Racism; Political economy of the city.

DESARROLLO PAREJA-RACIAL EN BELÉM DO PARÁ: EL PAPEL DE LOS NEGROS EN LA PRODUCCIÓN DE LOS BAIROS DE SACRAMENTA Y BARREIRO

Resumen: Este artículo analiza las implicaciones de las relaciones raciales en la configuración del espacio metropolitano de Belém do Pará, específicamente en los barrios periféricos de Sacramento y Barreiro. Con el objetivo de comprender la implicación de la raza en el proceso de desarrollo social, espacial y económico de los barrios en cuestión. Como camino metodológico se realizó un levantamiento bibliográfico y documental, recolección y análisis de datos secundarios, trabajo de campo con aplicación de cuestionarios y levantamiento fotográfico, elaboración de mapas, tablas y gráficos. Se constató que los aspectos raciales son llamativos en el espacio urbano y en los sujetos de Belém, colocando a negros y morenos en posiciones desfavorecidas y separadas en la metrópoli, en términos de vivienda y trabajo. Se crean y refuerzan estigmas negativos y estereotipos socioraciales respecto de las poblaciones residentes en Sacramento y Barreiro incluso después de que los barrios hayan sido reestructurados e incorporados servicios relevantes en el desarrollo de la metropolización del espacio.

Palabras-clave: Racialidad; Urbanización; Periferia; Racismo; Economía política de la ciudad.

DÉVELOPPEMENT PARTENAIRE-RACIAL À BELÉM DO PARÁ: LA PAPIER DES NOIRES DANS LA PRODUCTION DES QUARTIERS DE SACRAMENTA ET BARREIRO

Résumé: Cet article analyse les implications des relations raciales dans la configuration de l'espace métropolitain de Belém do Pará, en particulier dans les quartiers périphériques de Sacramento et Barreiro. Vise à comprendre l'implication de la race dans le processus de développement social, spatial et économique des quartiers en question. Comme parcours méthodologique, une enquête bibliographique et documentaire a été réalisée, la collecte et l'analyse de données secondaires, un travail de terrain avec application de questionnaires et enquête photographique, la production de cartes, tableaux et graphiques. Il a été constaté que les aspects raciaux sont frappants dans l'espace urbain et dans les sujets de Belém, plaçant les personnes noires et brunes dans des positions défavorisées et séparées dans la métropole, en termes de logement et de travail. Des stigmates négatifs et des stéréotypes socio-raciaux sont créés et renforcés à l'égard des populations résidant à Sacramento et Barreiro, même après que les quartiers ont été restructurés et incorporés des services pertinents dans le développement de la métropolisation de l'espace.

Mots-clés: racialité ; Urbanisation; Périphérie; Racisme; Économie politique de la ville.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a população negra (composta por pretos e pardos, conforme a identificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE) construiu seu modo de vida de forma marginalizada em função de alguns fatores: o longo período de escravidão, a ausência de direitos que os garantissem proteção após o “abolicionismo”, tardia e deficiente inserção desses grupos à classe trabalhadora nacional, suas conduções à periferia e o racismo que se perpetuou como princípio das relações sociais no Brasil, que vive a falácia da igualdade racial, mas perpetua, dia após dia, o racismo estrutural.

No país, observa-se um complexo padrão de relações raciais que resultam, sobretudo, da política de embranquecimento da sociedade brasileira (NASCIMENTO, 2007), a qual não se limitou unicamente em provocar um genocídio, mas culpabilizar a população negra, pela sua própria situação de

vulnerabilidade, perfazendo o que Souza (2021) chama de “*habitus* disciplinar mínimo”³.

Na metrópole de Belém, esses vetores são marcantes no espaço urbano. A indução da população negra (conformada também por quilombolas, ribeirinhos, mestiços etc.), foi conduzida rumo à periferia, que, com características particulares, são chamadas de baixadas alagadiças. Além das condições ambientais, nesses espaços, essas populações foram privadas de saneamento básico, saúde, escolas, segurança e equipamentos de uso coletivo de forma plena, ou mesmo em condições decentes. Assim, o direito à cidade e tudo o que nela se produz foi sequestrado e sempre deteriorado.

O bairro da Sacramento, área central de análise deste estudo, surge no início do século XX, por volta dos anos de 1920, como uma comunidade distante de Belém, com o objetivo de assentar pessoas pobres e a classe trabalhadora, conformado por pessoas de vários lugares, mas sobretudo por nordestinos. Após a década de 1960, em função da chegada constante de imigrantes para a capital, o bairro passou a abarcar um grande contingente populacional, provocando a sua expansão espacial, assim como o surgimento da então comunidade do Barreiro, que, depois, veio se tornar um bairro que se desmembrou da Sacramento. Ambos os bairros, constituem-se como periferia de baixadas alagadiças de Belém que passaram por várias políticas de transformação urbanísticas nos períodos das décadas de 1990 e 2000. Os bairros podem ser visualizados no mapa 01:

Mapa 01: Delimitação territorial do bairro do Barreiro e da Sacramento

³ O *habitus* disciplinar mínimo consiste na tríade disciplinar: autocontrole, disciplina e pensamento prospectivo que constitui a noção de sujeito moderno. O instrumento perfeito para a realização de qualquer fim econômico, social e político (SOUZA, 2021).



Para tanto, o processo de crescimento da Sacramento ocorreu quando Belém passou a ter dimensões que culminaram no seu crescimento metropolitano, no ano de 1973, quando houve a definição das primeiras regiões metropolitanas do Brasil. Na Sacramento, o desenvolvimento histórico, social e político produziu a alocação de pessoas em áreas de terra firme e igapós, nas margens dos rios São Joaquim, Galo e Pirajá (atualmente chamados de canais), nas quais um grande contingente populacional se fixou e produziu a cidade e sua periferia. Nesses bairros, os reflexos das contradições eram/são evidentes, sobretudo, na luta pelo direito à moradia digna, emprego, trabalho e acesso a serviços.

É nesse quadro de crescimento urbano-metropolitano que buscamos inserir a pesquisa, visto que há um forte movimento de inserção e de transformação da Sacramento nos processos de desenvolvimento de capital, o que, de certa forma, envolve o bairro do Barreiro, mesmo em meio à violência e à insistência da reprodução das mazelas sociais. Identificamos que o bairro da Sacramento deixa de ser dominado por moradias periféricas e passa a situar

importantes equipamentos econômicos, bem como um grande contingente de pessoas negras, que começamos a estudar (MENDES; CHAGAS, 2022).

Dessa maneira, este estudo tem como finalidade analisar como se constituiu a complexa relação racial em Belém do Pará, e seus impactos no processo de desenvolvimento econômico, espacial e social nos bairros da Sacramento e do Barreiro. Para atingir tal objetivo, como metodologia da pesquisa, realizou-se levantamento bibliográfico, documental e historiográfico de Belém, da Sacramento e do Barreiro, com destaque para a questão da produção do espaço e aspectos raciais, invisíveis em pesquisas históricas e geográficas. Assim, a coleta de dados, a pesquisa de campo com aplicação de questionário, os registros fotográficos e a confecção de mapas e tabelas enveredou-se para desvendar essa condição negra das populações que historicamente produziram os dois bairros, sujeitos da pesquisa.

Para tanto, o artigo está estruturado em três partes nas quais são explorados, primeiramente, a discussão teórica e histórica das relações raciais no espaço urbano brasileiro. Segundamente, busca-se resgatar a dimensão histórica de formação da cidade de Belém, a ocupação “irregular” das baixadas alagadiças, que compõem a cidade e a população que está no seio dessas construções. E, por fim, damos enfoque às modificações e reestruturações econômicas, sociais e raciais que afetam diretamente os bairros da Sacramento e do Barreiro.

A DIMENSÃO DO NEGRO NA CIDADES; RELAÇÕES RACIAIS E URBANIZAÇÃO

As relações raciais vêm ganhando cada vez mais amplitude na agenda de debates acadêmicos, educacionais, culturais e políticos da sociedade brasileira. Entende-se, pois, que elas grafam e se constituem no espaço da cidade, sendo condição, meio e resultado de dimensões importantes para as mudanças necessárias no plano real da vida cidadina e urbana que está longe se incluir, simbolizar, conceber e mesmo vivenciar as práticas socioespaciais em nossa sociedade de pessoas negras.

A classificação da população em grupos raciais é fruto de um processo arquitetado pelo capitalismo, que historicamente forjou um sistema de dominação e exploração baseado em hierarquias, etnocêntricas e eurocêntricas, ou seja, raciais a sociedade, “dita ocidental” (SANTOS, 2012). Assim, evidencia-se que a raça se tornou um princípio regulador de comportamentos, tratamentos e relações, sobretudo, grafados nos espaços rurais e urbanos resultados do avanço, sempre violento, do modo de produção capitalista.

Não diferente, no espaço urbano brasileiro, a expressão dessa hierarquia pode ser observada na construção dos bairros e na diferença da relação centro-periferia das cidades, por meio das quais, nos locais menos privilegiados, se encontram, majoritariamente, pessoas negras, pobres, invisibilizadas e exploradas. Essas dimensões refletem a não inserção da população negra na sociedade de classes, mesmo após a abolição em 1888, em escala nacional, que era e só é motivada por discursos discriminatórios e de rejeição.

Fernandes (1978) afirma que a população negra e mulata durante o “novo modelo” urbano pré-capitalista que se desenhava no Brasil, fora designada às tarefas degradantes, ocupações brutais e más remuneradas; enquanto os imigrantes europeus, considerados a grande esperança nacional, tinham condições de melhorar cada vez mais a sua posição na estrutura de poder econômico. Essa forma de hierarquização de trabalho ao qual os negros foram submetidos é entendida por Quijano (2005), como colonialidade do poder. Tem como resultado a pobreza estrutural dos afrodescendentes frente às condições conquistadas pelos demais seguimentos sociais: aos indígenas, a servidão, aos negros, à escravidão e, aos brancos, as propriedades, os cargos públicos e os títulos de nobreza.

Nesse sentido, a segregação e a discriminação são completadas e associadas, quase que “inseparavelmente” da pobreza, e, permeiam a realidade da população negra no Brasil. Devemos, então, compreender que a segregação reforça estigmas à população que se enquadra nessa realidade segregada, que

não está restrita ao aspecto econômico, mas sim à cor da pele, o qual passa a ser um dispositivo de compreensão do processo, pois o próprio racismo aí se instaura, convive e se reproduz.

Sansone (1996) chama atenção para os padrões de relações sociais, que são, antes de tudo, raciais, visto que, para o autor, a cor da pele se coloca como dimensão importante na orientação da sociedade e do poder, como campo de força política, social e cultural. Produz, nos diferentes contextos urbanos, “áreas moles” e “áreas duras” para as relações sociorraciais e espaciais.

As “áreas duras” são aquelas nas quais a dimensão racial importa, implicando de maneira negativa para os negros, mais explicitamente a sua forma de inserção no mercado de trabalho, nas relações amorosas e matrimoniais, bem como no contato com a polícia, sempre de forma conflituosa. As “áreas moles”, para Sansone (1996), são aquelas nas quais a dimensão racial não tem tanta importância, isto é, são espaços onde ser negro não dificulta e, até mesmo, pode dar prestígio - lugares como bloco afro, o terreiro de candomblé, a capoeira e a batucada.

A diferença entre *áreas duras* e *áreas moles* envolve a valorização ou não do pertencimento racial e a definição nos sistemas de posições, sempre hierarquizadas, quando a raça regula as relações e o comportamento dos envolvidos nos diferentes contextos citadinos. Visto isso, nota-se que a cor é determinante em todos os aspectos da vida social de pessoas negras e quanto mais sua pele for mais clara, melhor será sua aceitação na sociedade, ao passo que os de pele mais escura tendem a ser empurrados para fora do lugar ocupado pelos brancos (SILVA, 2006).

Essa “diversidade de tons negros” implica também na questão de autoidentificação racial, visto que as pessoas de tons mais claros são mais aceitas nos diversos espaços e preferem se afirmar subjetivamente como não negros para fugir de certos estigmas, assim fissurando, os processos excludentes das *áreas duras* da cidade – emprego no *shopping center*, modelos, recepcionistas etc. Vale destacar ainda, que a não aceitação racial por uma gama de pessoas não está ligada somente com a fuga de certos estigmas.

Houve implícita e explicitamente, por parte da elite brasileira após a abolição da escravidão, esforços para apagar a identidade negra no Brasil por meio do branqueamento da população, grafando os espaços centrais das cidades.

Segundo Silva (2012), o sucesso da política do embranquecimento interferiu nas relações de sociabilidade das pessoas negras, de maneira profunda, seja em seu aspecto endógeno (na sensação de se sentir subjetivamente pertencente à sociedade, elencando elementos culturais que fazem parte da nossa história), seja no exógeno (a conjuntura político-social e as manifestações do racismo), somado à invisibilidade, que as tornam estranhas no seu próprio território.

Tal “des-política” de embranquecimento da população negra foi o que deu início ao sentido do mito da “democracia racial” no Brasil, visto que o recorrente estupro de mulheres negras no engenhos do Brasil colônia e império, apoiados por uma suposta teoria de saudável interação sexual, teve como resultado pessoas pardas e de cor com o tom mais claros. Criou-se, assim, um ideário, segundo o qual, as relações raciais no Brasil eram e são de qualidade superior em relação aos demais contextos afrodiaspóricos e a sustentação de uma escravidão benevolente e um processo de integração imune a qualquer tipo de preconceito e procedimentos racistas (NASCIMENTO, 2017), talvez, por isso, o grande número de pessoas autodeclaradas pardas no país.

Esse mito no Brasil teve utilidades práticas que permitem atribuir a incapacidade ou irresponsabilidade do negro, por estar em qualquer posição desprivilegiada na sociedade. Isentou o branco de qualquer obrigação, responsabilidade ou solidariedade moral, de alcance social e de natureza coletiva, perante os efeitos psicossociais da espoliação abolicionista e de deterioração progressiva da situação socioeconômica do negro e do mulato (FERNANDES, 1978).

A OCUPAÇÃO DA PERIFERIA DE BELÉM: A VIDA NEGRA QUE CORRE NAS PALAFITAS, NOS ALAGADOS E NAS BAIXADAS

A ocupação das baixadas de Belém pode ser compreendida através de dois fatores que se complementam: o primeiro é a característica topográfica da cidade, assentada em terras baixas, com cota altimétrica de até 15 metros de altura; e a segunda a cidade é atravessada por inúmeros rios e igarapés. Belém, fundada em 1616, seguiu dois vetores de crescimento: um que acompanha o Rio Guamá e, outro, que corria ao longo da Baía do Guajará, momentos de ocupação que ficaram conhecidos como “fase ribeirinha” de ocupação da Amazônia. A partir do século XVIII, em função do crescimento populacional na região Amazônica, houve a interiorização das ocupações na cidade (ABELÉM, 1982). No entanto, os impasses de caráter topográficos e os acidentes hídricos, levaram a população a ocupar preferencialmente os terrenos de cotas mais altas, deixando grandes áreas de baixadas desocupadas.

Essas áreas desocupadas eram formadas por terrenos alagados ou alagáveis de cotas baixas, em que não havia ainda a preocupação em saneá-las, resultando em um crescimento limitado da cidade até a primeira légua patrimonial⁴ (ABELÉM, 1982). Outro fator condicionante para a ocupação das baixadas foram as transformações socioeconômicas do avanço do capitalismo na Amazônia, proporcionando um crescimento populacional em Belém, que produziu um adensamento dos bairros mais centrais, por meio da verticalização, e a ocupação de espaços periféricos de maneira precária e irregular, com palafitas, estivas e um terciário precário (RODRIGUES, *et al*, 2018). É válido destacar que esse adensamento de áreas vulneráveis não se deu de forma espontânea como elucidou Abelém (1982):

O avanço do capitalismo na Amazônia tem conduzido a uma transformação não apenas no aspecto fundiário, mas, e principalmente, no aspecto social, levando o camponês a tornar-se um trabalhador assalariado e a disputar desigualmente com

⁴ Trindade Jr. (1998, p. 101), com base em outros pesquisadores da região, caracteriza a Primeira Légua Patrimonial da seguinte forma: “Área de terra de aproximadamente 4.110 há, que constituiu o patrimônio fundiário inicial da municipalidade – o chamado rossio – doada pela Coroa Portuguesa em 1627. Ela obedece a um traçado de uma légua – contada a partir do marco de fundação da cidade, o Forte do Presépio (hoje Forte do Castelo) – em arco de quadrante das Margens da baía do Guajará em direção sul, e Rio Guamá em direção norte.

empresas nacionais e estrangeiras as terras que ocupa. (ABELÉM, 1982, p. 21).

Essa disputa desigual mediante a nova realidade fez o migrante ver dissipada sua ilusão de liberdade de opção pelo emprego que mais lhe convinha ou agradava, e dificilmente conseguia adentrar o mercado formal de trabalho, recorrendo a outros serviços ligados ao setor informal (ABELÉM, 1982), o que levou uma grande leva de pessoas advindas do interior da Amazônia, sem condições econômicas e, conseqüentemente, sem habitação, a ocupar áreas que se encontram afastadas do centro da cidade, destacando os bairros da Pedreira, Sacramento, Telégrafo, Fátima, Guamá, Cremação e Terra firme, bairros que foram destinados à classe trabalhadora, áreas sujeitas a alagamentos, as “baixadas alagadiças” (MENDES, 2022).

Nesse contexto, o bairro da Sacramento, cuja formação iniciou na década de 1920, a partir do assentamento de pessoas pobres e de origem nordestina, cresceu de maneira expressiva, tomando grandes proporções entre os anos de 1960 e 1980, com a presença intensa de migrantes, principalmente negros e ribeirinhos, que passaram a desbravar matas virgens e se alocarem, ao longo do que hoje são as Avenidas Senador Lemos, Pedro Álvares Cabral e às margens do canal São Joaquim e da Pirajá (PIMENTA, 2013). É válido destacar, ainda, que no mesmo contexto de crescimento populacional, surgiu o Barreiro, originado de duas áreas ocupadas em pontos extremos do canal São Joaquim, por pessoas vindas do interior do Pará (JORNAL ESTADO DO PARÁ, 1979).

As ocupações nessas áreas seguiram a tipologia de “palafita amazônica”, a qual proporciona o modo de vida estabelecido entre o morador e a sua casa, levando em conta a floresta e as águas, como pode ser observado na figura 01:

Figura 01: Estivas sobre os alagados (Bairro da Sacramento).



Fonte: JORNAL O LIBERAL. Edição 17/10/1991.

De acordo com Menezes (2015), a tipologia palafita amazônica está presente nas habitações às margens de igarapés, rios e furos, indicando a resistência de uma cultura que se adaptou às terras baixas e alagáveis, ao ciclo das águas, à floresta densa e ao clima úmido com chuvas frequentes, firmando-se como comunidades tradicionais em palafitas, ao optarem pela aproximação e dependência ao rio e ao ambiente natural. No entanto, o padrão espacial de habitação que se desenhou em áreas alagadiças acarretou, no ambiente urbano, sérios problemas sociais e ambientais, já que, nesses espaços, o sistema de saúde, o saneamento básico, o transporte coletivo, o lazer, a segurança, eram ineficientes ou, mesmo, inexistentes. Podemos observar essas afirmações, no que Santos (1998), expõe:

Os moradores das áreas de baixadas enfrentam os mais sérios problemas sociais e ambientais, tais como: desemprego, violência urbana, precárias condições de moradia e transportes urbanos, dificuldades para o escoamento dos dejetos, precárias condições de higiene ambiental e sanitária, poluição, tráfico de drogas, alto índice de criminalidade, pobreza, exclusão social, entre outros. (SANTOS, 1998, p. 16).

Junto a essas ideias, a composição das famílias que habitavam nas baixadas era de, em média, sete pessoas e, grande parte das pessoas se

envolvia nas atividades de vendas precárias, comércio ambulante e lavagens de roupas, resultando em uma renda mensal oscilante, realidade que dificultava, até mesmo, a compra de objetos e eletrodomésticos. Além disso, as casas geralmente apresentam um quarto de dimensões diminutas e a mobília era composta por redes, raramente com uma cama de casal, panelas, fogareiros de carvão, uma mesa e alguns bancos (JORNAL ESTADO DO PARÁ, 1979).

O intenso adensamento populacional dessas áreas de baixadas potencializou os problemas enfrentados pela população na cidade. Tornou-se necessário desenvolver mecanismos que buscavam solucionar esses problemas estruturais, visto que, em meados da década de 1980, sob a liderança de Jader Barbalho⁵, na condição de Governador do Estado do Pará e de Fernando Coutinho Jorge⁶, na Prefeitura Municipal de Belém, iniciava o projeto de macrodrenagem da Bacia do Una, com o objetivo de recuperar as baixadas belenenses (SANTOS, 1998) e melhorar as condições socioeconômicas da população das baixadas.

O projeto consistiu em um conjunto de atividades que envolveram melhorias nos níveis de bens e serviços e infraestrutura básica, como serviços de esgoto, pontes e fossas biológicas, atingindo uma área equivalente a 60% do município de Belém e envolvendo onze bairros, dentre eles, o bairro da Sacramento e do Barreiro (SANTOS, 1998). De acordo com Abelém (1982), para a execução do referido projeto, as famílias eram removidas das áreas para que os alagados fossem aterrados, os rios canalizados e houvesse a abertura de ruas com pavimentação, saneamento básico, esgoto e iluminação pública. Ações que, por consequência, se tornam interessantes para o capital imobiliário.

De acordo com Mendes (2022), essas políticas estatais visavam urbanizar terras dentro da Primeira Léguas Patrimonial, para que fossem consumidas por determinadas classes sociais e perfis de renda, ou melhor,

⁵ Jader Fontenelle Barbalho, governou o Estado do Pará entre os anos de 1983 e 1994 pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

⁶ Fernando Coutinho Jorge, se manteve na Prefeitura Municipal de Belém entre os anos 1986 a 1988, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

destinadas àquelas que conseguem pagar pelos edifícios e não querem, neste momento, morar longe do centro. Assim, compreende-se que o saneamento das baixadas de Belém, que é entendido como um processo de reforma urbanística, reforçou as contradições urbanas, pois, ao mesmo tempo em que valorizava o espaço e modificava sua funcionalidade, possibilitou a ação da especulação imobiliária que empurrava a população pobre para lugares nos quais o valor da terra era menor, assim demonstrando para quem de fato esses projetos buscavam valorizar.

Segundo Couto (2021), a produção do espaço urbano de Belém é marcada por uma contradição que, ao mesmo tempo, é resultado da histórica política urbana fundamentada na divisão do espaço a partir de um projeto de hierarquização social, o qual coloca as pessoas negras em uma condição subalterna nas áreas de baixadas e periféricas da cidade, permeadas pela baixa qualificação de emprego.

Nesse contexto de crescimento e reestruturação urbana das baixadas que passaram a compor os bairros periféricos, o aspecto econômico se torna bastante relevante, visto que é a população preta, migrante, do interior e residente dessas áreas que vai passar a compor o circuito não moderno da economia a partir da construção de pequenos comércios como tabernas, baiucas e bazares (SANTOS, 2008), como meio de resistir ao circuito moderno da economia que exige qualificação profissional, conformando, então, o circuito inferior da economia urbana. Na figura 02, pode-se observar a estrutura de alguns comércios instalados na feira do Barreiro, localizada no bairro da Sacramento a partir da década de 1950.

Figura 02: Feira do Barreiro.



Fonte: JORNAL O LIBERAL, edição 07/02/2003.

A precariedade e as tabernas improvisadas evidenciam como o circuito inferior constitui uma estrutura de abrigo para a população desprovida de capital e de qualificação profissional, que encontram uma ocupação rápida, mesmo que insignificante ou aleatória (SANTOS, 2008). Evidencia a capacidade de escolha, de participação e inserção no mundo da vida, opções em que a população negra foi excluída no contexto societário de Belém, para a manutenção e reprodução das condições materiais de existência.

Apesar dos bairros se localizarem um ao lado do outro e compartilharem determinados serviços entre a população, fazendo com que até mesmo o limite geográfico entre ambos seja confundido, o desenvolvimento socioespacial, econômico e racial teve proporções diferentes na Sacramento e no Barreiro, após a macrodrenagem da Bacia do Una, fatores que serão analisados no próximo subtópico.

HÁ OUTROS NEGROS! MAS COMO ESTÃO AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA POPULAÇÃO NO BARREIRO E NA SACRAMENTA

O crescimento urbano dos bairros em questão resulta de alguns processos sociais, econômicos e raciais, tais como: a migração de nordestinos

e povos ribeirinhos do interior do Pará, a expansão/implantação do sistema de produção capitalista na Amazônia e os projetos de reforma e “qualificação” urbanística nos terrenos alagados, processos socioespaciais que, até o momento, não tinham o aspecto racial como dispositivo de análise das questões e modificações funcionais dos bairros da Sacramento e do Barreiro, no contexto de uma Belém racializada.

Um dos aspectos funcionais do bairro da Sacramento, levando em consideração os eixos viários que a cortam - as Avenidas Senador Lemos, Doutor Freitas e Pedro Álvares Cabral - passou a ser vista como um bairro de conexão entre o centro de Belém e os bairros fora da primeira légua patrimonial, “localidades mais distantes”, como afirma Pimenta (2013). Assim, o bairro tornou-se atrativo à especulação imobiliária⁷, o qual passou a registrar um dos metros quadrados mais elevados e caros na metrópole de Belém, sobretudo, com a inserção de imóveis mais valorizados nas imediações das avenidas supramencionadas, o que faz aumentar a alocação de comércios e serviços inseridos nos dois circuitos da economia urbana.

Segundo Mendes (2022), a inauguração do *Shopping It Center*, em 2005 (um *shopping* de médio porte) foi o ponto de partida para a entrada de outro circuito econômico e de classes de renda médias no bairro da Sacramento. O empreendimento atraiu outros serviços do circuito superior da economia para o bairro, como lojas âncoras com capital na Bolsa de Valores, supermercados, magazines, *supercenters*, agências bancárias, instituições educacionais privadas e, mais recentemente, os atacadões como evidenciamos na tabela 01.

Tabela 01: Empreendimentos comerciais no bairro da Sacramento

Art Luz	Venda de móveis iluminados	2003

⁷ Jornal “O Liberal” edição de 16 de janeiro de 2006

Pará ferro	Materiais de construção	15/11/1995
Aço Belém	Materiais de construção	2012
PMZ pneus e peças	Produtos automotivos	2019
Vidrauto parabrisa	Produtos automotivos	2002
Shopping It Center	Mais de 60 lojas de variados serviços	2005
Energy Sun	Venda de placas solar	2019
Maxi Popular	Farmácia e drogaria	2018
UNAMA	Instituto de ensino básico	2006
Extra farma	Farmácia e drogaria	2011
Concessionária Chevrolet	Concessionária de automóveis	2017
Atacadão Preço Baixo	Supermercado de atacado e varejo	2020
Jurunense Home Center	Materiais de construção	2021
Amaral Costa	Laboratório de análises clínicas	2014
Banco Bradesco	Atividades financeiras	2013
Colégio Impacto	Instituto de ensino básico	2016
Colégio/ Exato	Instituto de ensino básico	2000
Academia Selfit	Academia de musculação	2018
Amigão das Peças	Produtos automotivos	1984
Léo Madeiras	Materiais de construção	2012
ITAÚ	Atividades financeiras	2011

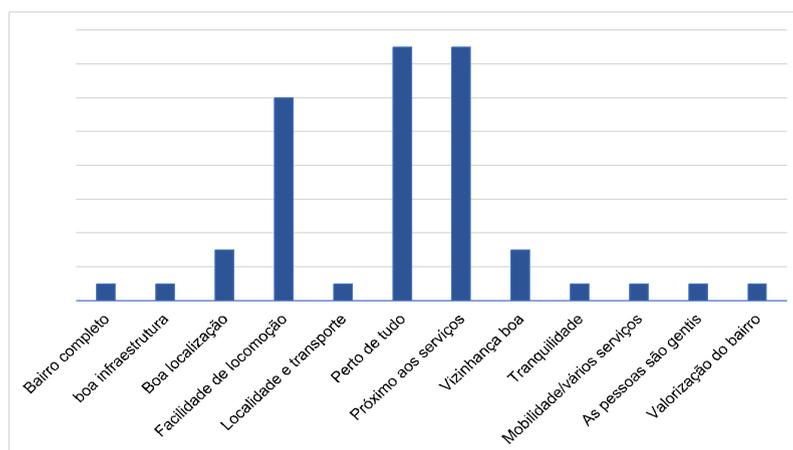
Fonte: Pesquisa de campo (novembro/2022 e dezembro/2023).

Desse modo, é possível observar que o bairro da Sacramento passa por uma valorização espacial refletido na variedade de empreendimentos comerciais. Sendo inserida no que Mendes (2022) compreende como “centro estendido” de Belém. Dessa forma, a busca por serviços de saúde, de consumo,

educacionais, administrativos, de lazer e gastronômicos com certo requinte não estão mais situados apenas nos bairros de Nazaré, Umarizal, Batista Campos e Marco, podendo ser encontrados no Telégrafo, na Pedreira, em Fátima, na Cremação, no Jurunas e, sobretudo, na Sacramento, que está no limite da Primeira légua Patrimonial de Belém.

A variedade de atividades comerciais valorizou de forma sintagmática o bairro da Sacramento, assim como favoreceu a população que mora no Barreiro, que, ao buscarem por diferentes serviços, não precisa realizar grandes deslocamentos para alcançá-los. E quando necessário, essa mobilidade é de fácil acesso, como pode-se constatar através do gráfico 01, que mostra os aspectos positivos de habitar na Sacramento e no Barreiro:

Gráfico 01: Aspectos positivos de residir no bairro da Sacramento

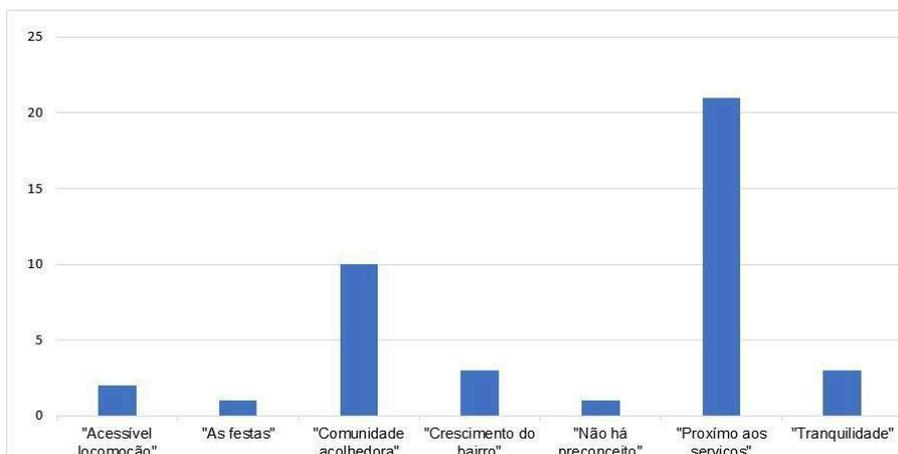


Fonte: Trabalho de campo com entrevistas (maio, 2022).

Como observado no gráfico 01, o bairro da Sacramento teve uma valorização urbana, tornando-se, na ótica da população, um bairro completo, isto é, bem localizado, facilitando o deslocamento para outras áreas da cidade, acompanhado da concentração de diferentes serviços e de comércios que facilitam a vida dos moradores. Esse conjunto de atividades comerciais e serviços beneficiou a população do Barreiro, visto que a atuação do circuito superior da economia não é presente no bairro. Esta dimensão pode ser

observada no gráfico 02, no qual estão colocados os aspectos positivos de se habitar no bairro do Barreiro.

Gráfico 02: Aspectos positivos de residir no bairro do Barreiro



Fonte: Trabalho de campo com entrevistas (maio, 2022).

Além dos gráficos 01 e 02, os quais identificam de que modo os bairros em questão foram valorizados e revelam a afetividade que a população construiu com a vizinhança e a acessibilidade aos serviços, podemos observar que essa reestruturação refletiu em outros âmbitos sociais como demonstra os gráficos 03 e 04, referente ao nível de satisfação em residir nos bairros:

Gráfico 03: Nível de satisfação em morar no bairro da Sacramentoa

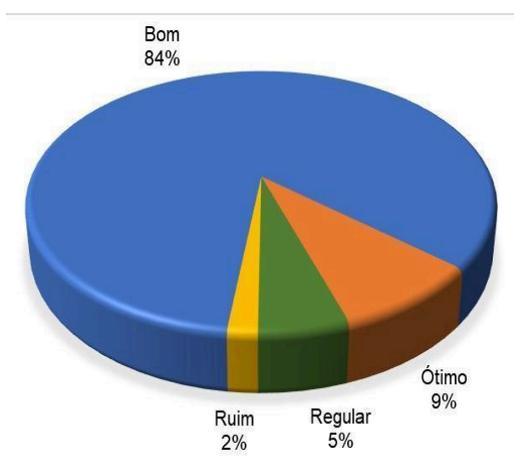
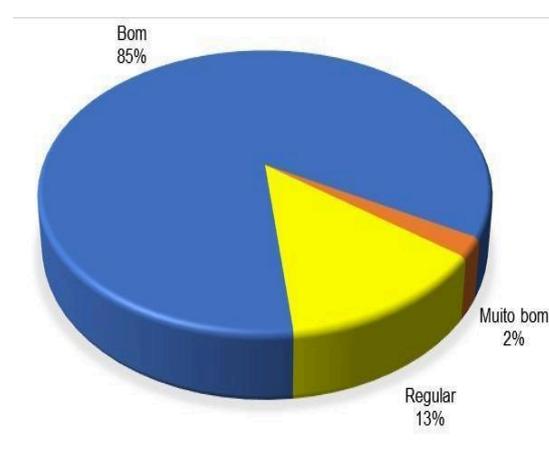


Gráfico 04: Nível de satisfação em morar no bairro do Barreiro



Fonte: Pesquisa de campo com entrevistas (Maio, 2022).

O gráfico 03 demonstra que a maior parte dos entrevistados está satisfeita em residir na Sacramento, cujos aspectos positivos como o “crescimento do bairro” e “proximidade a serviços”, ligam-se diretamente ao processo de inserção de atividades econômicas, às possibilidades de acesso aos serviços, ao emprego, à renda e às diversas atividades de consumo. Esse processo faz com que possamos observar a configuração do espaço como uma *área dura* para as relações econômicas, mas também uma *área mole* para sobrevivência do povo negro na cidade, pois chegam serviços à periferia, na qual havia a presença única do terciário precário, mesmo em meio às contradições socioespaciais e econômicas dessa população.

Ressaltamos que, nesse processo, o circuito inferior da economia continua presente nos dois bairros, como uma forma de resistência da população com baixa qualificação, que não conseguiu ser inserida nos grandes empreendimentos comerciais e, de certa forma, fora abandonada pelo Estado, ou mesmo incluída de forma precária, como é marca das populações segregadas socialmente e racialmente. Nas fotos 01, 02 e 03 é possível verificar essas afirmações pela infraestrutura dos espaços de consumo da Feira do Barreiro:

Fotos 01, 02 e 03: Condições de precariedade da Feira do Barreiro



Fonte: Fotografia do autor. Registrada em pesquisa de campo, maio de 2023.

Observa-se que a ocupação irregular diária e sem a mínima estrutura nesses espaços, somados aos camelôs, vendedores ambulantes, com seus produtos nas calçadas, com serviços de manutenção e reparo, deixam evidente a conformação de um circuito não moderno da economia urbana, que abriga uma população desprovida de capital e qualificação profissional (SANTOS, 2008). Nos termos de Quijano (2005), pode-se visualizar a colonialidade do Poder devido à cruel associação entre raça e divisão do trabalho, ambos precarizados, o que culmina na forte presença de negros e pardos inseridos nesse circuito inferior da economia urbana.

Esses fatores contribuem para que possamos chegar ao entendimento que, nos bairros mencionados coexistem tanto as *áreas moles* como as *áreas duras*, por ser evidente que, apesar da melhoria na infraestrutura, saneamento básico e do nível de satisfação que os bairros sobressaem em seus habitantes. Ainda assim, os estigmas permeiam e rodeiam os imaginários sobre as periferias, permanecendo, o motivo de grande parte população sofrer discriminação, quando mencionam que residem na Sacramento ou no Barreiro, como se observa nos gráficos 05 e 06:

Gráfico 05: Pessoas que sofrem discriminação por residirem na Sacramento

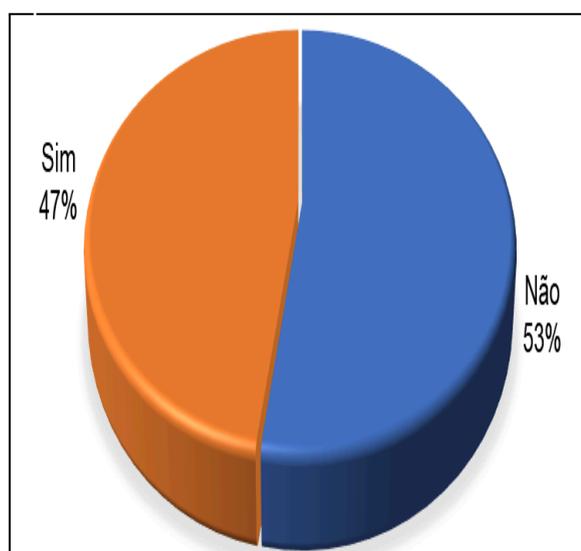
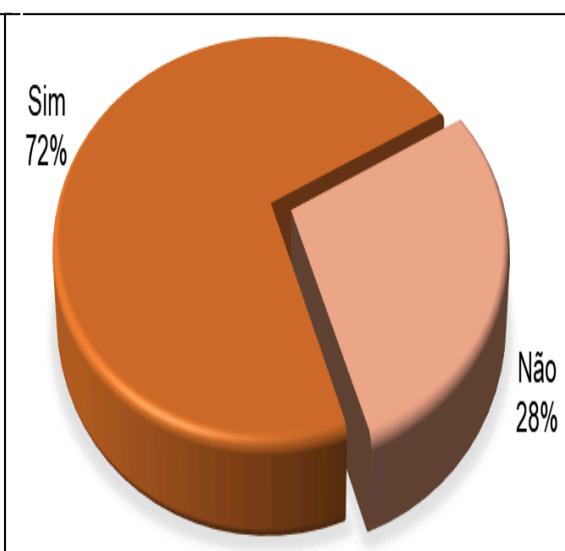


Gráfico 06: Pessoas que sofrem discriminação por residirem no Barreiro



Fonte: Pesquisa de campo com entrevistas (maio, 2023).

Nota-se que, mais da metade dos entrevistados considera não ter sofrido discriminação. No entanto, há outra grande parcela que afirmou o contrário. Diferente da população da Sacramento, as percepções das pessoas que moram no Barreiro são as de que os estigmas se fazem fortes, em que a maior parte dos entrevistados afirma sofrer discriminação, o que está atrelado à “fama ruim” do bairro, com estereótipos de perigoso e violento, origem de assaltantes e de traficantes. Para Campos (2012, p. 98), a segregação socioespacial, para além das questões econômicas, tem na produção de valores, os estigmas tais como preconceito e discriminação que criam impactos negativos na vida da população pobre da metrópole.

Os gráficos nos ajudam a compreender as ideias de Sansone (1996), acerca das *áreas duras e moles*, pois são as relações sociorraciais que “emolduram” nas pessoas da Sacramento e do Barreiro o “sofrimento” racial, por estes espaços serem entendidos como áreas “duras”, com imagens e estereótipos negativos, um preconceito do tipo espacial e de origem. No entanto, são espaços tidos como “áreas moles” na concepção dos seus moradores. Essa afirmativa fica mais evidente quando se observa nas fotografias 04 e 05, letreiros que foram colocados na esquina da passagem São Benedito (uma das principais vias de entrada ao Barreiro, estigmatizada de Mirandinha), no seu cruzamento com a Avenida Pedro Álvares Cabral, com os dizeres: “*Eu amo Barreiro*”.

Fotos 04 e 05: Letreiro “Eu amo Barreiro” instalado em 2021.



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse aspecto revela como os espaços devem ser entendidos de forma relacional: no contexto da cidade e da metrópole, o Barreiro é uma área de exclusão social, ao passo que, para seus moradores, há alegria, amor, vida e envolvimento. Os gráficos 05 e 06, servem de parâmetros para desconstruir o estereótipo supramencionado, e assim como o mito da “democracia racial”, que, antes de tudo, está fundamentado na política de embranquecimento da população e nos problemas de heteroidentificação. Assim, conforme visto na tabela 02, é possível observar que, na distribuição populacional dos bairros da Sacramento e do Barreiro, as pessoas em sua maioria identificam-se como pardos.

Tabela 02: Distribuição da população na Sacramento e no Barreiro por cor e/ou raça

Bairro	População total	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena
Sacramento	58	6	23	29	0	0
Barreiro	47	7	15	23	0	2
Total Geral	105	13	38	52	0	2
POPULAÇÃO – DADOS DO IBGE						
Sacramento	21.516	-	-	-	-	-
Barreiro	39.947	-	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa de campo com entrevistas (maio, 2022) e IBGE (2010)⁸

A problemática da construção da tipologia racial “pardo” no país é colocada por Nascimento (2017) como uma estratégia de genocídio da população negra, para uma aproximação dos estereótipos e valores da branquitude contra a “marcha negra”. Essa estratégia possibilitou, não apenas a sustentação de uma “democracia racial”, mas também o encobrimento da manifestação e percepção do racismo como demonstra os gráficos 07 e 08.

Gráfico 07: Pessoas que sofrem ou sofreram discriminação por causa da cor – Sacramento

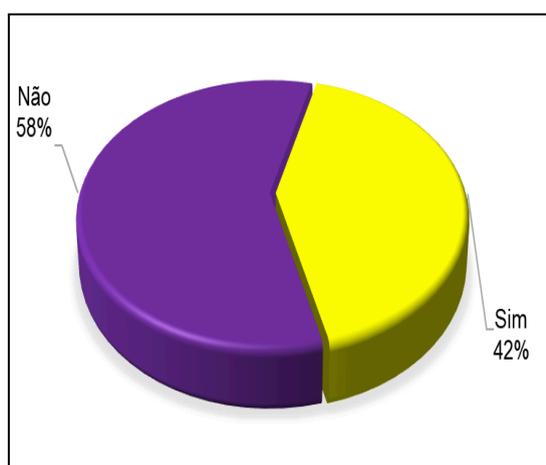
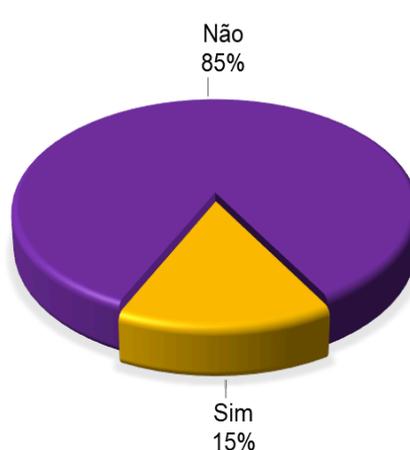


Gráfico 08: Pessoas que sofrem ou sofreram discriminação por causa da cor -Barreiro



Fonte: Pesquisa de campo com entrevistas (maio, 2022).

É possível notar que a assimilação dos valores culturais europeus observados a partir de Gonzales (2001) ainda permanecem fortes nos dias de hoje, interferindo profundamente na sociabilidade do negro (SILVA, 2012), no processo de autoidentificação racial, assim como na quebra desse mito que é a

⁸ Os dados comparados do IBGE foram os do Censo demográfico do ano de 2010, pois os de 2022 ainda não estão disponíveis, porém destacamos que apesar da estatística já coletar informações sobre cor/raça, esses não foram disponibilizados nos dados oficiais da base de dados do IBGE. Realidade que é questionada e deve ser tratada. Deseja-se que os dados demográficos de 2022 possam levar em consideração as diferenças de cor e raça.

democracia racial e na dificuldade de percepção de uma sociedade regida pelo racismo estrutural, que marca diariamente as relações por meio de verticalidade (SANTOS, 2012), colocando-nos, nós negros, em uma posição desqualificada e desvantajosa.

Fica evidente, no conjunto dos dados apresentados, que há um esvaziamento do conteúdo racial na reprodução dos bairros analisados, o que dá validade para o resgatar das ideias de Nascimento (2016, p. 84), quando afirma que a posição do mulato essencialmente equivale àquela do negro, ambas vítimas de igual desprezo, de idêntico preconceito e discriminação, cercados pelo mesmo desdém da sociedade brasileira institucionalmente branca, mesmo em bairros periféricos da Amazônia mestiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão e a problematização acerca das relações raciais durante muito tempo permaneceram em um campo intocável nas pautas científicas. No Brasil, esse fato está relacionado aos esforços das forças dominantes em construir uma sociedade que mascara as desigualdades sociais que são, antes de tudo, raciais, por meio de um falso ideário da democracia racial.

No entanto, estudos que investigam e resgatam a trajetória da população afrodescendente no Brasil, mostram que nós negros fomos submetidos a uma realidade degradante que não cessou desde o período abolicionista. Desse modo, evidencia-se que a construção da raça serve como um meio de dominação e princípio para a regulação de comportamentos e tratamentos, implicando negativamente na vida da população negra.

Dessa forma, compreendeu-se que, em Belém, essas relações não se apresentam de forma diferente. A construção do espaço urbano de Belém consolidou muitos bairros segregados, principalmente após a década de 1960, nos quais muitas áreas de baixadas alagadiças foram ocupadas de forma

acelerada, sem planejamento urbano e, em grande parte, por negros sem condições econômicas, como é caso da Sacramentoa e do Barreiro.

Vale ressaltar que, somado a esses fatores e à deficiente atuação do Estado, os bairros se tornaram propícios à proliferação de atos ilícitos, tornando-se inseguros e reprodutores de estigmas que impactam de forma negativa na sociabilidade e nos aspectos raciais das populações residentes. Santos (2013) afirma que o cidadão negro tem o seu valor diminuído, visto que a maioria ocupa a parte das cidades que é segregada, marginalizada e marcada pela violência. Essas vertentes abarcam as *áreas duras* das relações raciais. No entanto, na ótica das pessoas que residem na Sacramentoa e no Barreiro, os bairros são bons para a moradia, acesso aos serviços e a sociabilidade entre os mesmos, confirmando-os também como *áreas moles* das relações raciais, o que revela a lata complexidade dos processos de segregação espacial e subjetivação das experiências dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABELÉM, G. A. **Urbanização e Remoção: por que e para que? Estudo sobre uma experiência de planejamento nas baixadas de Belém**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1982.

CAMPOS, A. “Questões étnico-raciais no contexto da segregação socioespacial na produção do espaço urbano brasileiro: algumas considerações teórico-metodológicas”. In: SANTOS, R. E. (Org). **Questões urbanas e racismo**. Rio de Janeiro: DO e Alli / Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), 2012.

COUTO, A. C. O. “**Necropolítica e racismo na construção da cartografia da violência nas periferias de Belém**”. *Revista USP*, [S. I.], v. 1, n. 129, p. 63-80, 2021.

UNAMA desativa campus. **Violência pode ser a causa**. *Diário On Line - DOL*. 2018. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/noticia-517320-unama-desativa-campus-violencia-pode-ser-a-causa.html?d=1> Acesso em: 08.nov.2022

FERNADES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

G1 NOTÍCIAS, **Conheça a história da 1ª favela do Rio, criada há quase 120 anos**. *Jornal do G1*. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html> Acesso em: 08.nov.2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Malha de setores censitários**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html?edicao=26589&t=sobre>. Acesso em: 15.dez.2022.

BRASIL. **Constituição Federal do República do Brasil**. Sessão do artigo. 5º artigo. 1988. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988> Acesso em: 08. Dez. 2022.

GONZALES, L. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MENDES, L. A. S.; CHAGAS, H. M. S. **Das palafitas aos condomínios, das informalidades ao shopping center: a inserção do Bairro da Sacramento na estruturação urbano metropolitana de Belém**. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, v. 09, p. 45-45, 2022.

_____. **As metamorfoses da metropolização e das dinâmicas imobiliárias na Região Metropolitana de Belém**. Ananindeua-PA: Itacaiúnas, 2022.

_____. **Metrópole e Consumo: Condomínios fechados, comércio e centralidade em Belém**. Curitiba-PR: CRV, 2020.

MENEZES, T. **Referenciais ao projeto de arquitetura pelo tipo palafita amazônico na Vila da Barca (Belém- PA)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PIMENTA, G. **Sacramento: 90 anos de história – de 1920 a 2012**. Belém: Cromos, 2013.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. in: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires-AR: Clacso, 2005, pp. 107-30.

RODRIGUES, R; PONTE, J; LIMA, J; BARROS, N; LOPES, R. Urbanização das baixadas de Belém-PA: transformações do habitat ribeirinho no meio urbano. In: **Anais do XV Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Recife: Editora da UFPE, 2018.

SANTOS, R. E. Sobre espacialidade das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano”. In: SANTOS, R. E. (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Rio de Janeiro: DO & Alli/Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012.

SANTOS, M. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Brasília-DF: Editora da Fundação Ulysses Guimarães, 2013.

SANTOS, D. **A macrodrenagem da Bacia do Una em questão: percepções sociológicas sobre os impactos socioespaciais na área urbana de Belém**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.

SANSONE, L. **Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda**. *Revista Afro-Ásia*, n. 18, p. 165-188, 1996.

SILVA, M. **Nem pra todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo**. Brasília-DF: Serrana, 2006.

SILVA, M. População negra: segregação e invisibilidade em Londrina. In: SANTOS, R. E. (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Rio de Janeiro: DO & Alli/Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012.

SOUZA, J. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

TRINDADE JR., S.-C. C. **A cidade dispersa: Os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.